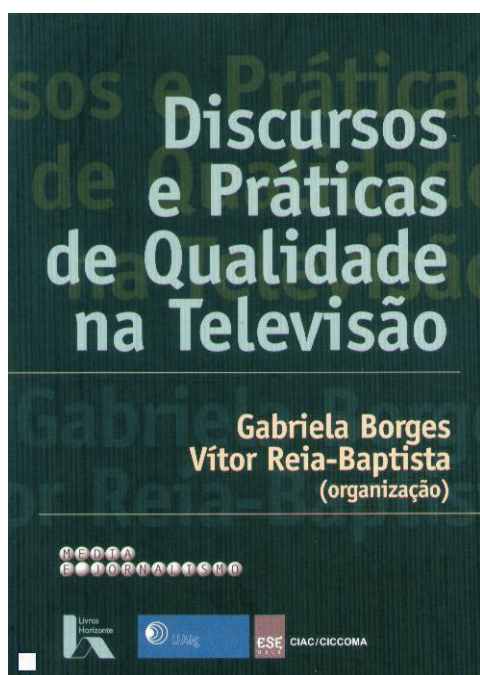


Visões sobre qualidade na TV na América Latina e Europa

Patrícia Maurício

Resenha

BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA, Vítor (orgs.).
Discursos e práticas de qualidade na televisão.
Lisboa: Horizonte, 2008.



Uma polêmica sobre nudez na televisão e no cinema agitou o meio cultural carioca em outubro último. O ator Pedro Cardoso fez um discurso no Festival do Rio criticando a pornografia nos dois meios de comunicação. Mas como ousava um ator da Globo mexer em algo que é tão caro à maior emissora de TV do Brasil – a liberdade de fazer o que quiser em sua programação, sem ter que prestar contas a ninguém? As respostas foram imediatas. Primeiro, sob a forma de uma entrevista do ator na capa do *Segundo Caderno* de *O Globo*, pertencente à mesma organização empresarial da emissora. Nesta entrevista, embora Cardoso confirmasse seu discurso, a matéria se esforça para enfatizar que o ator não defende a censura externa e é a favor da liberdade de expressão (o título é “Pornografia versus liberdade”; o subtítulo, “Ator diz ser contra censura ao analisar seu polêmico discurso sobre nudez nas telas”). No domingo seguinte, a capa do mesmo *Segundo Caderno* exprimia a reação de artistas defendendo a nudez, sob o título “Toda nudez será necessária”.

Uma controvérsia como esta, aqui, uma ação do Ministério Público contra emissora de TV, ali, e a

Patrícia Maurício | patriciamauricio@uol.com.br

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

questão da qualidade da televisão brasileira vem rendendo discussões, lamentações e movimentos nos últimos anos, sem que nada digno de nota tenha sido conseguido para que ela seja de fato atingida. E a insatisfação continua. Bem a propósito, acaba de ser lançado o livro *Discursos e práticas de qualidade na televisão*, organizado por Gabriela Borges e Vítor Reia-Baptista, ambos da Universidade do Algarve. O livro reúne artigos que tratam da questão da qualidade sob os mais diversos pontos de vista – não apenas intelectuais, mas também geográficos, já que os autores vêem a questão a partir de diferentes países.

O livro é dividido em duas partes, “Discursos de qualidade” e “Práticas de qualidade”. A primeira parte reúne os capítulos “Teoria e história”, “Regulação”, “Modelos” e “Literacias”; e a segunda, “Narrativas ficcionais”, “Programas Infantis” e “Jornalismo”. Cada capítulo tem de dois a cinco artigos, buscando abranger as discussões mais recentes sobre o tema em diversos países.

No artigo “Sobre a televisão: aparelho e formas culturais; por um repertório notável de programas da televisão argentina”, Jorge La Ferla segue a escola do brasileiro Arlindo Machado, ao listar uma série de programas argentinos que considera de qualidade (aliás, Arlindo assina, aqui, um artigo baseado em seu livro *A televisão levada a sério*). Mas antes de fazer isso, La Ferla traça um panorama desolador da produção televisiva na Argentina. Ele considera a idade do ouro local

o início da TV privada, nos anos 60, e explica a posterior decadência com a estatização e também com a privatização sem critérios dos anos 90. Hoje, conta o pesquisador argentino, impõe-se um modelo italiano à programação e a única preocupação é o lucro. A falta de regulação e a renovação praticamente automática das concessões lembram bastante um certo país vizinho.

E para saber com detalhes (trágicos e cômicos) de que forma se desenvolveram as discussões e decisões sobre qualidade na TV brasileira, basta ler o artigo de João Freire Filho, “O debate sobre a qualidade da televisão no Brasil: da trama dos discursos à tessitura das práticas”. No início, o artigo ressalta as várias das acepções de qualidade existentes, partindo, em seguida, para uma abordagem histórica – uma história digna de (não, não de novela, fica faltando o triângulo amoroso) um bom romance.

Quem será que sabe (ou lembra) do discurso do empresário Assis Chateaubriand ao inaugurar a primeira emissora de TV do Brasil em 1950? Freire recupera o seguinte trecho: “Conheceis o único motor que nos conduz: elevar cada vez mais os níveis de cultura e de civilização da nossa terra e da nossa gente” (p. 82) E vai mostrando a visão que havia, inclusive entre intelectuais, de que a TV vinha para disseminar cultura. A programação de fato trazia adaptações literárias e outros programas que faziam o novo meio de comunicação ser constantemente louvado pelo *Jornal de Letras*. Diversos realizadores da

época viam os programas como obras de arte, mas Freire lembra que havia também muito de entretenimento popular, como “Alô Doçura” e “Tribunal do Coração”. O texto flui sem sobressaltos para o mundo cão dos anos 60 e as reações dos intelectuais e da imprensa – o então presidente da ABI, Danton Jobim, chegou a pedir ao governo que censurasse a televisão espetáculo – até chegar a ameaças do então ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, que fizeram com que Globo e Tupi, antes que alguma ameaça se concretizasse, criassem um controle próprio, que acabou levando ao tão falado “padrão Globo de qualidade”. A ameaça, porém, foi só o pivô da mudança. Ajudou bastante o fato de que a Globo já estava querendo “qualificar” sua audiência para cobrar mais em publicidade, conforme mostra Freire através de falas dos ex-executivos da emissora Walter Clark e Boni. O histórico amplia a compreensão do momento atual da TV brasileira, fundamental para quem quer tomar uma posição hoje, seja ela qual for, de forma embasada. Vale o alerta de Freire: “entre nós, o debate se apequenou de tal maneira que ficamos com a impressão, às vezes, de que a televisão de qualidade é sinônimo de televisão sem bunda e ponto final” (p. 97)

Os artigos do segundo capítulo tratam especificamente da regulação, embora esta questão esteja também diluída em outros capítulos. Maria Eduarda Rocha mostra como a economia política teve papel preponderante na construção das leis de radiodifusão no Brasil

e faz um inventário dos principais movimentos pela democratização das comunicações no país. Alberto Arons de Carvalho traz não só a história da regulação dos meios de comunicação em Portugal, como também, de forma mais ligeira, em outros países da Europa e nos EUA. Gabriela Borges vai retomar esta história no capítulo “Modelos” do ponto em que Carvalho parou, para em seguida analisar especificamente a trajetória do canal 2 da Rede de Televisão Portuguesa (RTP), exemplar para pensar os efeitos das políticas públicas sobre o que os telespectadores vão receber. Vemos ali que a crise da RTP se originou da abolição da taxa paga pelos telespectadores, em 1991, um dos vários casos mostrados no livro dos efeitos da tsunami neoliberal sobre a televisão.

Na mesma década de 90, “mexicanização”, no Brasil, se tornou sinônimo de perda de qualidade na televisão brasileira, com apelo a emoções baratas e, é claro, cenários baratos. Para saber em que contexto o original é produzido, vale a pena ler o artigo, de muita qualidade, de Francisco Hernández Lomelí, mostrando toda a trajetória do meio televisão no México, com as sucessivas uniões de emissoras até formar a poderosa Televisa; a ascensão e queda da TV pública; os interesses políticos e a recente concorrência da TV Azteca. Tudo acontecendo num cenário afinal não tão diferente do nosso, envolvendo ditadura, caudilhos e, atualmente, um acesso bastante limitado da população aos canais por assinatura.

Já é possível notar que o livro é um interessante mosaico de pensadores do Brasil, Portugal, Argentina, México, Espanha, Chile, Itália e Grã-Bretanha. Embora editado em Portugal, a grafia original dos artigos dos brasileiros foi mantida. Bom para nós, mas com isso até erro de português escapou incólume da revisão (como “enxentes” num dos artigos, vírgulas em lugares esquisitíssimos e erros gramaticais menores em outro). Nos demais artigos, somos lembrados de que o acordo ortográfico não vai resolver a dificuldade com aquelas palavrinhas-armadilha para não-iniciados na língua da metrópole. É preciso descobrir, entre outras coisas, que *pequeno ecrã* é a *telinha*, *guião* é *roteiro* e que *literacia* é uma tradução, digamos, literal do inglês *literacy*.

No capítulo “Literacias” está justamente o significado da palavra, a necessidade de se alfabetizar para os meios. Vítor Reia-Baptista explica que “Pedagogia dos mídia” é algo feito muitas vezes sem que emissor ou receptor tenham muita consciência de que estão vivendo um processo pedagógico, “produtor e reproduzidor de valores” (p. 204); “Educação para os mídia” seria uma capacitação dos cidadãos para um exercício mais consciente, crítico e autônomo da exposição aos meios de comunicação; e por fim a “Literacia dos mídia” seria o resultado disso, um conhecimento acrescido dos mídia. José Ignacio Agueded Gómez fala do telespectador como usuário de um serviço em elaboração, e afirma que sua educação “tem que ser iniciada com a

desmitificação sistemática da televisão”, já que a nossa cultura a divinizou e a converteu num totem (p. 183).

A “Pedagogia dos meios” e a educação para eles vão aparecer novamente no artigo de Yvana Fachine, desta vez nas tentativas de educar o telespectador e desconstruir o meio a partir da própria televisão em programas do núcleo Guel Arraes da TV Globo – uma espécie de central de experimentação da emissora. O texto é um belíssimo aperitivo para o também recém-lançado livro *Guel Arraes: um inventor no audiovisual brasileiro*, organizado por Fachine e Alexandre Figueirôa. Este artigo está incluído no capítulo “Narrativas ficcionais”. Quem gosta de séries não terá motivos para se queixar deste capítulo, que trata de “Lost”, “Shooting the Past” e “Cidade dos Homens”. E Arlindo Machado, desta vez acompanhado de Maria Lúcia Velez, dá uma aula de televisão com uma única análise de videoclipe – no caso, *Imitation of life*, do R.E.M..

Voltando ao capítulo “Literacias”, Mar de Fontcuberta reforça que, neste processo, é preciso perceber que as emoções são a base do fascínio da TV. Ela ainda afirma que “é difícil imaginar uma televisão de qualidade sem um receptor que assim o exija permanentemente” (p. 195). Pairando sobre todo o capítulo, está o espírito do pensador russo Mikhail Bakhtin, embora nunca citado. O que Bakhtin escreveu a partir da década de 20 e que começou a ser lido na França na década de 60, gerando toda

uma nova forma de ver a relação entre emissor e receptor (conceitos como o dialogismo e o completamento), está por trás de idéias defendidas nos artigos, como o receptor ativo, de Fontcuberta. Bakhtin só vai aparecer mais claramente no texto da argentina Marcela Farré, no capítulo sobre telejornalismo, em que ela diz que o termo qualidade “se mostra polissêmico”.

De fato. Em boa parte dos artigos podemos encontrar listas e listas de definições do termo, o que pode se tornar um pouco cansativo para quem se interessar por ler todos os textos, mas ainda assim é útil para estudiosos do tema e telespectadores em geral. No capítulo sobre programação infantil, por exemplo, as pesquisadoras espanholas Victoria Tur Viñes e Cristina González Díaz enumeram os critérios de qualidade definidos pelos principais projetos de investigação sobre conteúdos dirigidos a crianças no mundo e, em seguida, detalham o sistema de medição de qualidade criado por elas. Esta quantidade de definições parece mostrar que os movimentos sociais deveriam eleger uma espécie de agenda mínima no que diz respeito ao conceito para concentrar seus esforços na busca pela qualidade.

Recebido em:
5 de novembro de 2008

Aceito em:
27 de novembro de 2008

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008.

A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alberto Carlos Augusto Klein

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Alex Fernando Teixeira Primo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Alfredo Vizeu

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

André Luiz Martins Lemos

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Ângela Freire Prysthon

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Antônio Fausto Neto

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Antonio Carlos Hohlfeldt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Arlindo Ribeiro Machado

Universidade de São Paulo, Brasil

César Geraldo Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Freitas Gutfreind

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Denilson Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Eduardo Peñuela Cañizal

Universidade Paulista, Brasil

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Menezes Martins

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Gelson Santana

Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil

Hector Ospina

Universidad de Manizales, Colômbia

Ieda Tucherman

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Itania Maria Mota Gomes

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Janice Caiafa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Jeder Silveira Janotti Junior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

John DH Downing

University of Texas at Austin, Estados Unidos

José Luiz Aider Prado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

José Luiz Warren Jardim Gomes Braga

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Juremir Machado da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Lorraine Leu

University of Bristol, Grã-Bretanha

Luiz Cláudio Martini

Universidade de Brasília, Brasil

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Mauro Pereira Porto

Tulane University, Estados Unidos

Muniz Sodre de Araujo Cabral

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nilda Aparecida Jacks

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Renato Cordeiro Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Rosana de Lima Soares

Universidade de São Paulo, Brasil

Rossana Reguillo

Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores do Occidente, México

Rousiley Celi Moreira Maia

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Sebastião Carlos de Moraes Squirra

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Simone Maria Andrade Pereira de Sá

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Suzete Venturrelli

Universidade de Brasília, Brasil

Valério Cruz Brittos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Veneza Mayora Ronsini

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Vera Regina Veiga França

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Gruszynski | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

João Freire Filho | Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Rose Melo Rocha | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Bianca Freire-Medeiros | Fundação Getulio Vargas, Brasil

Josimey Costa da Silva | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Conceição Golobovante | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Marlyvan Moraes de Alencar | Centro Universitário SENAC-SP, Brasil

Miriam de Souza Rossini | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Paulo Ribeiro | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Rita Alves de Oliveira | Centro Universitário SENAC, Brasil

REVISÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO | Everton Cardoso

ASSISTÊNCIA EDITORIAL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Raquel Castedo

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

erickfelinto@uol.com.br

Vice-presidente

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

asilvia@faac.unesp.br

Secretária-Geral

Denize Correa Araújo

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

denizearaujo@hotmail.com